

Eduardo David T. Ndombele¹

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender como os africanos e os negros em geral utilizaram-se das possibilidades de ascensão intelectual para reivindicar a dignidade e a personalidade do homem africano em particular e do negro em geral e despertá-lo contra o domínio dos colonizadores. Cujos expoentes que mais se expressaram em depoimentos e obras literárias foram Aimé Césaire, Léopold Sédar Senghor e Léon Damas.

PALAVRAS-CHAVE: Negritude; Identidade; Negro.

ABSTRACT

This work aims to understand how Africans and blacks in general we used the possibilities of intellectual insecure claims rise to the dignity and the personality of the African people in particular and black in general and rouses him against the domination of the colonizers. Whose exponents that best expressed in interviews and literary works were Aimé Césaire, Léopold Sédar Senghor and Léon Damas.

KEYWORDS: Blackness; Identity; Black

INTRODUÇÃO

A palavra Negritude surgiu como a expressão de uma reivindicação contra a situação imposta pela administração colonial. A negritude é um movimento reivindicativo que conheceu vários arautos na década 30, dentre os quais destacaremos: Aimé Césaire, Leopold Sédar Senghor, Leon Damas nos quais sob pisadas do patrono do renascimento fundaram a revista *l'étudiant noir*, assim a

¹ Doutor em Linguística. Docente afecto ao Departamento de Letras Modernas- ISCED-Uíge (Angola)
Email: david.eduardo73@gmail.com

palavra negritude aparece pela primeira vez escrito por Aimé Césaire em 1938, no seu livro de poemas” *Cahier d’un retour au pays Natal*” através da literatura estes arautos do movimento negritude enaltecera a cultura negra que foi vilipendiada pela administração colonial sob forma de preceitos de inferioridade, julgamos que a ignorância em relação à história dos povos africanos em particular e dos negros em geral, as diferenças culturais, os preconceitos étnicos entre as duas raças que se confrontam pela primeira vez, tudo isso mais as necessidades económicas de exploração predispuseram o espírito do europeu a desfigurar completamente a personalidade moral do africano e suas aptidões intelectuais, assim sendo o negro tornou, então, sinónimo de ser primitivo, inferior, dotado de uma mentalidade pré-lógica.

A negritude surge para recuperar a dignidade e a personalidade do homem africano e desperta-lo contra o domínio dos colonizadores em Africa por isso que ao decorrer do tempo o movimento negritude ganhou além da dimensão literária mas também político. No campo político a negritude serviu de uma mola impulsadora para a conquista das independências em Africa. No campo ideológico, negritude pode ser entendida como processo de aquisição de uma consciência racial. Já na esfera cultural, negritude é a tendência de valorização de toda manifestação cultural de matriz africana. Portanto, negritude é um conceito multifacetado, que precisa ser compreendido a luz dos diversos contextos históricos.

1. Os apologistas da negritude

Kwame Nkrumah, líder político africano e presidente de Gana entre 1960 e 1966, um dos principais ativistas pela descolonização da África. Através de suas declarações, da sua ação e do seu exemplo, Nkrumah mobilizou, em favor da causa

pan-africana, os dirigentes africanos dos movimentos de libertação e dos Estados independentes. Segundo ele, como declarou na noite da conquista da soberania pelo seu país, a independência de Gana não tinha sentido senão na perspectiva de uma libertação completa do continente africano (Apud, Kislana Silva UNESCO, 2010b, p.900).

O filósofo francês Jean-Paul Sartre, no seu famoso texto *Orfeu Negro*, de 1948, foi um dos primeiros intelectuais de proa a fazer uma reflexão aprofundada do movimento da negritude. *Orfeu Negro* foi escrito como introdução a uma antologia de poesia negra, organizada por Leopold Senghor. No texto, Sartre reconhecia o papel subversivo do movimento da negritude em determinado momento histórico: seja porque negava os valores culturais do opressor branco, seja porque despertava no negro, altivez e orgulho racial.

Já para outro expoente do movimento da negritude, o poeta senegalês Léopold Sédar Senghor, existe uma "alma negra" inerente à estrutura psicológica do africano. A "alma negra" teria uma natureza emotiva em detrimento à racionalidade do branco. Trata-se de um conceito de negritude essencialista em que "a emoção é negra como a razão é grega". Enquanto a civilização europeia seria fundamentalmente materialista, os valores negro-africanos estariam fundados na vida, na emoção e no amor. Para Senghor, estes atributos constituíam um privilégio do negro. Os depoimentos, contudo, feitos a seu respeito por Césaire e Senghor, e ainda, o fato de um dos seus poemas haver sido utilizado como epígrafe, por Léon-Gontran Damas, em seu livro *Pigments*, são suficientes para que seu nome e sua obra não possam ser esquecidos. E sua atuação como um dos mais ativos participantes desses movimentos assegura-lhe a gratidão de todos os negros que, através da sua obra tanto quanto a de vários outros, puderam se conscientizar da discriminação que sofriam e decidiram ir à luta para anular a situação humilhante em

que viviam. E será significativo reproduzir, aqui, um dos seus mais violentos e incisivos poemas, composto em 1917:

*If we must die, let it not be like hogs
Hunted and penned in an inglorious spot...
If we must die, O let us nobly die,
So that our precious blood may not be shed
In vain...
Like men we'll face the murderous, cowardly pack,
Pressed to the wall, dying but fighting back!*

Se devemos morrer, que não seja como porcos,
perseguidos e cercados em um lugar inglório...
Se devemos morrer, oh, deixem-nos morrer nobremente
para que nosso sangue precioso não seja derramado
em vão...

Senghor afirmou, certa feita, que, do mesmo modo que a poesia negro-africana, sua irmã negro-americana, era essencialmente “não so fisticada”, assemelhando-se ao canto, sendo poesia feita mais para ser cantada ou recitada que ser lida. E tal testemunho assume grande importância se quisermos encontrar as raízes da “negritude”, buscando-as sob o mesmo chão de onde, antes, brotara a poesia da chamada “Renascença Negra” americana; pois foi da América que partiu a influência maior recebida pelos poetas antilhanos e africanos estabelecidos em Paris, reunidos em torno de *L'Étudiant Noir*, jornal que Damas qualificou como “corporativo e de combate, tendo como objetivo o fim da tribalização do sistema clânico em vigor no Quartier Latin”. E acrescentou, comentando-o, que com ele “deixava-se de ser um estudante essencialmente martinicano, guadalupense,

guianense, africano, malgaxe, para não ser mais que um simples estudante negro”. Concluiu, então extinta, afinal, a vida em círculo fechado?

René Maran, nascido na Martinica de pais guianenses. De suas observações e anotações publicou um romance, *Batouala*, considerado um verdadeiro romance negro de excelente qualidade literária (1921). *Batouala* é um relato objetivo sobre a vida de um chefe de etnia. Os negros nele descritos têm qualidades e defeitos. Além do mais, Maran mostra que eles observam, pensam e criticam seus mestres europeus com uma lógica implacável, e que suas queixas têm fundamento. Por fim, o autor convidava com urgência os seus colegas escritores franceses a ficarem cada vez mais de olho no que estava sendo feito em África em nome da civilização

Em junho de 1932 publicou-se *Legitime Défense* (legítima Defesa), uma revista que teve só um número. A iniciativa foi de alguns estudantes negros antilhanos (Étienne Léro, René Menil, Jules Monnerot e outros). Nela criticavam os escritores de seu país, que sempre plagiaram os modelos literários franceses. Como Price-Mars, no Haiti, essa equipe defendida a personalidade antilhana esmagada durante os trezentos anos de escravidão e de colonização: pregava não apenas a libertação do estilo e da forma, mas também a da imaginação e do temperamento negros. inspirados no exemplo dos escritores americanos ligados ao movimento Renascimento, os jovens intelectuais acreditavam que o negro devia assumir cor, raça e tornar-se o porta-voz das aspirações do povo oprimido, em vez de escrever livros onde a sua pigmentação não pudesse ser adivinhada. Tal era a mensagem da *Legitime Défense*, título sugestivo que despertaria a consciência sonolenta de muitos jovens antilhanos e africanos. Depois da morte da revista, em 1934, dois anos passados, nasce uma ova revista, retomando a mesma bandeira e reagrupando todos

2 Citado por Feuser, Aspectos da literatura..., pp. 41-42.

os estudantes negros em Paris, sem distinção de origem, por isso foi batizada de *Étudiant Noir* (Estudante Negro).

Opondo-se também à política de assimilação cultural, a equipe editorial de l' *Étudiant Noir* reivindica a liberdade criadora do negro e condena a imitação ocidental. Aponta como meios de libertação a volta às raízes africanas, o comunismo e o surrealismo. Sendo as duas últimas consideradas ideologias européias, decide-se por despoja-las de seu caráter doutrinal, transformando-as em ferramentas ou técnicas. Dava-se um grande passo em relação à *Legitime Défense*, pois, segundo Leon Damas, co-definidor da negritude, a *Étudiant Noir* nunca consentiu em seguir sem reserva os mestres europeus, modernos ou antigos

Para Cheik Anta Diop, a identidade cultural de qualquer povo corresponde idealmente à presença simultânea de três componentes: o histórico, o lingüístico e o psicológico. No entanto, o fator histórico parece o mais importante, na medida em que constitui o cimento que une os elementos diversos de um povo, através do sentimento de continuidade vivido pelo conjunto da coletividade. O essencial para cada comunidade é reencontrar o fio condutor que a liga a seu passado ancestral, o mais longínquo possível. Nesse sentido, segundo o autor, o estudo da história permite ao negro rejeitar a sua nacionalidade e tirar dela o benefício moral necessário para reconquistar seu lugar no mundo moderno.

Para Léon Damas um dos três fundadores do renascimento cultural dos negros no seu livro *Pigments* escreveu: Aos antigos combatentes senegaleses aos futuros combatentes senegaleses a tudo que o senegal pode gerar de combatentes senegaleses futuros antigos (...) Eu peço a eles que caem a necessidade que sentem de pilha de roubar de violar de evitar de novo as margens antigas do Reno eu peço a eles que comecem por invadir o Senegal eu peço a eles que perturbem a paz dos arianamos.

A poesia damasiana é fabulosa justamente porque confere à imagem da resistência o seu acesso e se ela engendra o desconhecido, é para que o ordinário se torne absoluto.

Na "Introdução" aos seus *Poetas d'expression française 1900-1945*, Damas proclamou que "o tempo de bloqueio para fora e inibição" já tinha dado lugar a um "outro ano: aquele em que o homem colonizado se torna consciente de seus direitos e de seus deveres como um escritor, como um romancista ou um contador de histórias, um ensaísta ou poeta "e afirmou a importância literária e política de sua *Anthology* em termos não ambíguos: "A pobreza, o analfabetismo, a exploração do homem pelo homem, sociais e racismo político sofrido pelo, trabalho preto ou o amarelo forçado, as desigualdades, as mentiras, a resignação, fraudes, preconceitos, complacências, a covardia, as falhas, os crimes cometidos em nome da liberdade, da igualdade, da fraternidade, que é o tema deste poesia indígena em francês "(Damas de op.cit 1947).

Langston Hughes (nascido em 1902, de pai branco e mãe negra) foi também muito prestigiado pelos iniciadores da negritude. Quando foi a Paris, tornou-se amigo pessoal de Leon Damas e de Senghor. Não à vontade na civilização ocidental, segundo ele dura, forte e fria, seu coração bate nos tantãs africanos e contempla a sarabanda das luas selvagens. "Todos os tantãs do mato batem no meu sangue. Todas as luas selvagens e ferventes do mato brilham na minha alma". No entanto, ele não procurou fugir do combate quotidiano do seu povo. É na América que ele ficará, pois escreverá: *Eu também sou a América*.

Os historiadores negros africanos esmiúçam os grandes impérios e reinos de ontem, mostrando a África negra não como uma tabula rasa, e sim como um teatro de brilhantes culturas e civilizações, cujos atuais vestígios desmentem as teses colonialistas. Afirmam, ainda, que, a partir das descobertas arqueológicas a

paleontológicas mais recentes, a África é o berço da humanidade. Estabelecem uma relação marcante entre as civilizações negras africanas e a do Egito faraônico, enfatizando sua origem negra, contrariamente ao que certa egiptologia tendenciosa considerava uma verdadeira falsificação moderna da história.

2. O Surgimento da Palavra Negritude

Foi, provavelmente, a partir dos anos 60 do século XX que a palavra negritude passou a figurar nos dicionários da língua portuguesa, vinda do francês — négritude, com uso já comum, nesse idioma, desde a década dos 30, quando escritores negros nascidos em colônias da França, usando-o como sua segunda língua, criaram-na e passaram a utilizá-la para exprimir algo novo que sentiam sem que houvessem antes encontrado termo apropriado para defini-lo.

Mas que será, afinal, a negritude? A dificuldade de defini-la, persiste, ainda que já se tenha passado muitos anos desde o seu surgimento. Senghor tentou dar-lhe um conteúdo que ultrapassasse limitações étnicas e lhe propiciasse dimensões universais. Dela afirmou, então, ser uma nova maneira de ver e entender o mundo, um certo tipo de "existencialismo", uma filosofia "enraizada na Terra-Mãe, que desabrocha ao sol da Fé e pressupõe presença na vida.... no mundo.... participação do sujeito com o objeto.... comunhão do Homem com as forças cósmicas, do Homem com os outros homens.... e, além disso, com tudo o que existe, do seixo à Deus".³

Visão e entendimento esses, cheios de um sentimento intenso de panteísmo, diverso, contudo, do de Espinoza, que, segundo Senghor, brota, por necessidade vital, de dentro de cada negro que se dispõe a contrapor, aos valores

³ Citado por Waldir Freitas Oliveira in Leopold Sedar Senghor e a negritude (2001)

“brancos” que lhes foram impostos por uma educação que sempre visou, de modo claro, sua assimilação cultural, seus próprios valores “valores negros”, portanto entre eles, uma maneira própria de ver e sentir o mundo em volta, reconhecidos afirmados por Senghor, como parte integrante de cada negro, podendo-se deles até dizer serem carne da sua própria carne. Será este, então, o momento de lembrar os versos flamantes de Birago Diop, poeta e contista senegalês, que participou, também, em certo momento, da redação e direção do jornal *L'étudiant noir*:⁴

*Ecoute plus souvent
les choses que les êtres.
La voix du feu s'entend,
entends la voix de l'eau,
écoute dans le vent en sanglots.
C'est le souffle des ancêtres.*

Escuta sempre mais
as coisas que as pessoas.
Ouve a voz do fogo,
ouve a voz da água,
escuta a do vento em soluços.
É o respirar dos ancestrais.

E prossegue o poeta, realçando o quanto significa para os negro africanos, seus antepassados, que continuarão a comandá-los nos pensamentos e atos, no contexto dinâmico de uma tradição que anula calendários e torna presente e passado, tempos de um mesmo tempo:

*Ceux que sont morts ne sont jamais partis,
il sont dans l'ombre qui s'éclaire
et dans l'ombre qui s'épaissit,*

4 Idem

*les morts ne sont pas sous la terre;
ils sont dans l'arbre qui frémit,
ils sont dans le bois qui gémit,
ils sont dans l'eau qui coule,
ils sont dans l'eau qui dort
ils sont dans la case, ils sont dans la foule;
les morts ne sont pas morts.*

Os que estão mortos nunca se foram,
Eles estão na sombra que se aclara
e na sombra que se espessa.
Os mortos não estão sob a terra;
eles estão na árvore que se agita,
eles estão no tronco que geme,
eles estão na água que corre,
eles estão na água que dorme,
eles estão na cabana, estão na multidão;
os mortos não estão mortos.

O termo negritude apareceu com esse nome, pela primeira vez, em 1939, no poema *Cahier dún Retour au Pays Natal* ("Caderno de um regresso ao país natal"), escrito pelo antilhano Césaire e editado por Volontés:

Minha negritude não é nem torre nem catedral
Ela mergulha na carne rubra do solo
Ela mergulha na ardente carne do céu
Ela rompe a prostração opaca de sua justa paciência.

Na sua fase inicial, o movimento da negritude tinha um caráter cultural. A proposta era negar a política de assimilação à cultura (conjunto dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições e dos valores transmitidos

coletivamente) européia. O dilema para os africanos e negros da diáspora, assevera Franz Fanon, deixou de ser "embranquecer ou desaparecer"⁵

Na mesma senda destacaria ainda, à poesia de Senghor, guiado por Sartre, Transcrevo, então, as palavras do filósofo, referindo-se a Senghor, sem o identificar, dizendo apenas que "um poeta negro, sem mesmo se preocupar conosco", segreda à mulher que ama:

*Femme nue, femme noire
vêtue de ta couleur que est vie, de ta forme qui est beauté!
Femme nue, femme obscure
fruit mûr à la chair ferme, sombres extases du vin noir,
bouche que fais lyrique ma bouche.⁶*

Mulher nua, mulher negra,
vestida da tua cor que é vida, da tua forma que é beleza.
Mulher nua, mulher sombra,
fruto maduro de carne firme, êxtases turvos de vinho negro,
boca que torna lírica minha boca.
e afirma que depois dessa leitura, "nossa brancura nos parece um estranho verniz pálido que impede nossa pele de respirar, uma malha branca de ballet..."⁷ Prossigo, citando versos do próprio Senghor, em seu poema *Ethiopie — A l'appel de la race de Saba*, no qual saúda a rainha do reino de Sabá, supostamente negra, por quem se apaixonou, conforme consta do imaginário histórico, o rei Salomão:

*Mère, sois bénie!
J'entends ta voix quand je suis livré au silence sournois
de cette nuit d'Europe
prisonnier de mes draps blancs et froids bien tirés, de toutes*

les angoisses que m'embarassent inextricablement...

*Mère, respire dans cette chambre peuplé de Latins et de Grecs l'odeur des victimes vespérales de mon coeur.
Qu'ils m'accordent, les génies protecteurs, que mon sang ne s'affadisse pas comme un assimilé comme un civilisé.*

Mãe, eu te bendigo!
Eu ouço tua voz quando me entrego ao silêncio sorrateiro
dessa noite da Europa,
prisioneiro dos meus lençóis brancos e frios, bem estirados, e de todas as angústias que me embarçam de modo inextricável

Mãe, respira neste quarto povoado de latinos e gregos, o odor das vítimas vesperais do meu coração. Que eles, os gênios protetores, me despertem e que o meu sangue não se enfade como um civilizado, como um assimilado.

A teoria da negritude abriu um caminho enorme para outros tipos de teorias em África como por exemplo, africanidade e arabidade. Assim, desde fundação da O.U.A em 1963, que alguns líderes africanos tendo –se apercebido da dificuldade de uma identificação continental em relação ao exterior, decidiram criar um conceito que oferecesse a unidade do continente não só a nível interno como também externo foi assim que surgiu o conceito de africanidade que procurava representar o conjunto dos pontos comuns às diversas culturas africanas

3. O Impacto da Revista *Presence africaine*

Em 1949, dois anos após a aparição da revista *Présence Africaine*, seus editores decidem abrir a editora. Numa época em que a luta pela independência das colônias africanas está atingindo seu auge, a criação de uma editora que pretende ser o espaço em que os escritores negros possam finalmente se expressar e ver circular

5 Citado por Petrônio Domingues Fanon, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Alexandre Pomar. Porto: Paisagem, s/d. p. 131

6 Os versos supra foram citados por Waldir Oliveira (2001) in Lepold Sedar Senghor e a Negritude p.417

suas obras tem inevitavelmente o sabor da militância e a pulsão do compromisso. De fato, ao longo da inesgotável década dos '50, a editora Présence Africaine publica obras de cariz eminentemente político. Dentre elas, cabe destacar quatro que viriam a ser os pilares do movimento da Negritude.

A primeira foi a do missionário franciscano Placide Tempels, *A Filosofia Bantu*. Depois aparecem as outras três obras fundamentais da década, essas sim autenticamente revolucionárias e, portanto, profundamente críticas.

As três escritas por autores negros, marxistas: *Peles negras, máscaras brancas* (1952), obra do psiquiatra, filósofo e ensaísta da Martinica, Frantz Fanon; *Nações negras e cultura* (1954), do sábio multifacetado senegalês, historiador, antropólogo, físico nuclear, linguista e político pan-africanista Cheikh Anta Diop; e *Discurso sobre o colonialismo* (1955), do poeta, político e ensaísta, também martinicano e co-fundador do movimento da Negritude, Aimé Césaire. Ao longo dos anos, a editora também trabalhou na busca do conhecimento da civilização negra através de congressos, festivais, associações, conferências, seminários etc, como o Primeiro Congresso de Intelectuais e Artistas Negros em 1956 (Paris), e o Primeiro Festival Mundial de Artes Negras, em 1966 (Dakar). Tudo isso foi possível graças ao trabalho de homens e mulheres cujo espírito pode ser resumido, talvez, nestas palavras de Diop: “A palavra negro designa menos uma cor do que um conjunto de experiências e de valores próprios à civilização dos povos chamados negro-africanos.

3. Críticas a negritude

Segundo Nhalamtubo (2001)⁷, o dramaturgo, romancista e poeta nigeriano Soyinka exalta a importância histórica da negritude, mas não definia a negritude como confrontação ao mundo branco, a sua revolta não era racial mas sim moral independentemente da raça, considera que os defensores de negritude procuravam alimentar alma africana com mitos do passado e isso mostrava ilusória vaidade do passado, os africanos não deviam se contentar em olhar para o passado, o pensador africano deve agir no meio da própria sociedade como consciência, como testemunha lúcida da realidade do tempo.

Quanto a nós, Soyinka tem um pensamento próximo do Blynde por considerar que a revolta dos africanos não deve ser avaliada em função da raça mas sim da moral, defendia que a negritude não devia se refugiar no passado para explicar ódios de hoje.

Argumentando que se for o caso, a exploração ou injustiças persistem ainda nos dias de hoje, o passado justifica – se, portanto, como espelho do presente, é um meio para uma tomada de consciência, não há nenhuma necessidade de restaurar o passado porque ele vive no presente. Insurge – se contra negritude porque esta se contenta apenas por voltar a olhar para trás, em busca de tesouros esquecidos que teriam ofuscado o mundo actual. O passado existe agora, coexiste com e na consciência actual, clarifica o presente e explica o futuro.

Criticando a negritude, Soyinka endurece o seu posicionamento afirmando que a cultura reforça a sociedade, mas, tal cultura não deve ser mitológica: a negritude era um luxo intelectual que tinha importância e utilidade só para um

⁷ In A questão da personalidade africana na negritude em severino ngoenha.

pequeníssimo número de pessoas, a elite”, a negritude não correspondia às aspirações profundas do povo, a negritude fazia parte do jogo Europeu, prolongamento do intelectualismo Francês.

Considerações finais

Considera-se o marco inicial do Movimento da Negritude a publicação, em 1932, da revista *Légitime Défense* por um grupo de estudantes antilhanos. Revista que não passou do primeiro número, tendo seus fundadores sofrido as maiores represálias, até mesmo por parte de seus compatriotas conservadores.

O conceito de Negritude surgiu como a expressão de uma revolta contra a situação histórica do colonialismo francês e racismo. A forma particular feita pelo que a revolta foi o produto do encontro, em Paris, no final de 1920, três estudantes negros oriundos de diferentes colônias francesas: Aimé Césaire (1913-2008), da Martinica, Léon Gontran Damas (1912-1978) da Guiana e Léopold Sédar Senghor (1906-2001) a partir de Senegal.

De todas as influências recebidas, contudo, por esses jovens intelectuais negros franceses, nos anos 30, talvez a maior de todas, do ponto de vista estritamente literário, haja sido a exercida pelo poeta negro americano, originário da Jamaica – Claude McKay. Aimé Césaire afirmou, certa vez, haver sido em seu romance *Banjo*, que viu, pela primeira vez, “negros descritos com veracidade, sem complexos nem preconceitos”; e Senghor insistiu em sua afirmativa de dever ser ele “considerado, com toda razão, o verdadeiro inventor da negritude”.⁸

⁸ Waldir Freitas Oliveira in Leopold Sedar senhor e negritude, 2001.

... Quando apareceu a literatura da Negritude criou uma revolução: na escuridão do grande silêncio, uma voz se levantar, sem intérprete, nenhuma alteração, e nenhuma complacência, uma voz violento e staccato, e ele disse que pela primeira vez: "Eu, Nègre."

A voz da revolta, uma voz de ressentimento Sem dúvida, mas também de fidelidade, a voz da liberdade, e em primeiro lugar, uma voz para a identidade recuperada. (THÉBIA-MELSAN, 2000)

REFERÊNCIAS

AVRITZER, Leonardo. Ação, fundação e autoridade em Hannah Arendt. *Revista Lua Nova*, São Paulo, n. 68, s/a.

BERND, Zilá. *A questão da negritude*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CAMPOS, Deivison Moacir Cezar. *O Grupo Palmares (1971-1978): Um movimento negro de subversão e resistência pela construção de um novo espaço social e simbólico*. 195 f, Porto Alegre, 2006. (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História

CARNEIRO, Edison. *Ladinos e Crioulos*. S ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1964, p.115-116.

CANDAU, Vera Maria. 2006. *Interculturalidade e educação escolar*. www.dhnet.org.br. Acesso em 30 de mar de 2015.

CEVA, Antonia Lana de Alencastre. *O negro em cena: a proposta pedagógica do Teatro Experimental do Negro*. 124 f, Rio de Janeiro, 2006. (Mestrado em Educação) PUC-RJ

DIAGNE, SB. *Léopold Sédar Senghor, l'art africain comme philosophie*. Paris: Editions Riveneuve, 2007.

EDWARDS, BH. *A Prática da Diáspora: Literatura, Tradução, ea ascensão do internacionalismo Preto*. Cambridge: Harvard University Press, 2003.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude Usos e sentidos*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1988, p. 32-51.

Recebido: 01.10.2015 – **Aprovado:** 14.12.2015